

POLÍTICA ECONÔMICA

Apesar dos grandes superávits na balança comercial, o Brasil representa apenas 1% das transações globais. Quanto mais dólares o país movimentar, menor será a variação do câmbio e sua influência sobre juros e inflação

Aposta no comércio internacional

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

O ex-ministro da Agricultura Marcus Vinícius Pratini de Moraes é enfático: “Não há como se falar em crescimento econômico sem a ampliação do comércio internacional de um país”. O Brasil, no entanto, ainda engatinha nessa direção. E o sinal mais evidente disso é a discussão em torno da taxa de câmbio, já que alguns setores produtivos insistem que o governo deve manipular os preços do dólar. “O patamar ideal para a moeda norte-americana deve ser definido pelo mercado e não pelo Banco Central”, afirma.

Segundo o professor Simão Davi Silber, da Universidade de São Paulo (USP), a principal variável hoje para determinar o nível de crescimento do Brasil é a taxa de câmbio. “Se o dólar subir, a inflação será afetada e as taxas de juros não poderão cair na velocidade desejada ou mesmo terão que subir”, destaca. É por isso, diz o professor, que o Brasil precisa urgentemente ampliar o volume de seu comércio internacional. Quanto mais dólar entrar e sair do país por meio das importações e das exportações, menor será a oscilação dos preços da divisa norte-americana e sua influência sobre a inflação e os juros.

Para o presidente da Associação Nacional das Instituições do Mercado Aberto (Andima), Edgar da Silva Ramos, não adianta o Brasil ter grandes superávits na balança comercial, mas conti-

nuar respondendo por menos de 1% do comércio mundial. “Essa relação precisa aumentar no mínimo três vezes nos próximos anos”, diz, ressaltando que não é preciso ter medo do crescimento das importações, pois elas tendem a trazer novas tecnologias produtivas para o país.

“
**SER DURO E
DEFENDER OS
INTERESSES DO
PAÍS NÃO SIGNIFICA
SER IDEOLÓGICO**
”

Marcus Vinícius Pratini de Moraes, ex-ministro da Agricultura

Compra de reservas

Na opinião de Pratini, o Brasil está correndo um grande risco de se afastar do comércio internacional com o projeto de reforma tributária que está tramitando no Congresso. O projeto, diz ele, precisa garantir a imunidade de tributos sobre as exportações e estimular os investimentos em máquinas e equipamentos. “O que nos parece que não acontecerá”, afirma. O ex-ministro também ressalta a importância de o gover-

no deixar o ideologismo de lado nas negociações para acordos comerciais, sobretudo em torno da Área de Livre Comércio das Américas (Alca). “Ser duro e defender os interesses do país não significa ser ideológico”, alerta.

Mas enquanto o aumento do comércio internacional não vem, o economista Alexandre Póvoa, coordenador da Comissão de Economia e Mercados da Associação e do Sindicato dos Bancos do Rio de Janeiro, aconselha ao Banco Central que compre dólares no mercado para reforçar as reservas cambiais do país. Como os preços da moeda norte-americana estão em baixa e há sobras no mercado, esse é o momento ideal para tais aquisições. “Quanto mais reservas o país tiver, menos vulnerável ficará a choques externos e menor será sua taxa de risco”, afirma Póvoa. No Brasil, desconsiderados os empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI), as reservas estão em US\$ 15 bilhões, contra US\$ 60 bilhões da Rússia e US\$ 300 bilhões da China.

O professor Simão Silber destaca ainda que o sucesso ou o fracasso de um país se mede pela taxa de crescimento da economia. Caso não tivesse parado de crescer no início da década de 80, o Brasil já estaria no seleto grupo dos países ricos do mundo, com renda per capita superior a US\$ 10 mil. Agora, para atingir essa elite, o Brasil terá de crescer, na média, 4,5% ao ano. Descontado o crescimento médio de 1,5% da população, o país levará quase uma geração (23 anos) para dobrar sua renda per capita.